

ARTIGO

APOLOGÉTICA CRISTÃ E A ABORDAGEM DA EDUCAÇÃO POR PRINCÍPIOS, FUNDAMENTOS HISTÓRICOS E O RACIOCÍNIO BÍBLICO DIANTE DOS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS.

CHRISTIAN APOLOGETICS AND THE PRINCIPLE APPROACH TO EDUCATION: HISTORICAL FOUNDATIONS AND BIBLICAL REASONING IN THE FACE OF CONTEMPORARY CHALLENGES

Adalardo Campos Bispo⁴⁵

RESUMO

O objetivo é apresentar os fundamentos, o desenvolvimento histórico e os desafios contemporâneos da Apologética Cristã. O artigo investiga a relevância da apologética como instrumento de defesa racional da fé, diálogo cultural e fortalecimento da identidade cristã. O trabalho percorre desde suas raízes bíblicas e patrísticas até os confrontos atuais com o relativismo moral, o ceticismo científico e as crises existenciais do mundo moderno. A análise integra a Abordagem Educacional por Princípios (AEP), fundamentada no método de Rosalie Slater e Verna Hall, como estrutura para o raciocínio bíblico aplicado à defesa da fé. Por meio do reconhecimento da soberania divina e do autogoverno cristão, a apologética é apresentada não apenas como defesa lógica, mas como expressão do caráter cristão e da mordomia intelectual. Por meio da análise de conceitos éticos, filosóficos e teológicos, conclui-se que a apologética continua sendo uma ferramenta essencial tanto para o esclarecimento interno da fé quanto para o engajamento respeitoso com visões de mundo divergentes. O estudo também aponta para a necessidade de aprofundamentos futuros que integrem a apologética com outras disciplinas e contextos sociais emergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Apologética Cristã. Fé e Razão. Relativismo. Teologia. Ética. Educação por Princípios.

ABSTRACT

The objective is to present the foundations, historical development and contemporary challenges of Christian Apologetics. The article investigates the relevance of apologetics as an instrument for the rational defense of the faith, cultural dialogue and the strengthening of Christian identity. The work ranges from its biblical and patristic roots to today's confrontations with moral relativism, scientific skepticism, and the existential crises of the modern world. The analysis integrates the Principled Educational Approach (AEP), based on the method of Rosalie Slater and Verna Hall, as a framework for biblical reasoning applied to the defense of the faith. Through the recognition of divine sovereignty and Christian self-government, apologetics is presented not only as a logical defense but as an expression of Christian character and intellectual stewardship. Through the analysis of ethical, philosophical, and theological concepts, it is concluded that apologetics remains an essential tool both for the inner clarification of the faith and for respectful engagement with divergent worldviews. The study also points to the need for future deepening that integrates apologetics with other disciplines and emerging social contexts.

KEYWORDS: Christian Apologetics. Faith and Reason. Relativism. Theology. Ethics. Education by Principles.

⁴⁵ Graduado em Teologia e Administração, pós-graduado em Psicologia Organizacional, Gestão e Projetos e Liderança e Gestão Corporativa, Psicologia e Teologia, Aluno do Mestrado Profissional em Teologia na FABAPAR. Brasil. E-mail para contato: adalardobispo@gmail.com

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem a proposta de apresentar e discorrer brevemente sobre conceitos, objetivos e o desenvolvimento histórico da Apologética Cristã. Existe uma problemática a ser analisada, pois é importante a contextualização da Teologia Cristã para entender como a Apologética Cristã pode servir de instrumento saudável de diálogo no contexto religioso e científico para a sociedade? Uma vez que parte dos cristãos tem sua fé questionada e a parte não cristã tem uma leitura equivocada sobre o que é o Evangelho de Jesus Cristo.

Para alcançar essas respostas, buscar-se-á apontar os benefícios e a relevância da Apologética diante de diferentes visões de mundo, para evitar conflitos com outros grupos religiosos e científicos, e as descrenças diante do sofrimento humano. O direcionamento desta pesquisa será de expor uma base para Apologética Cristã, a partir de conceitos gerais e históricos.

Sob a ótica da Educação Cristã por Princípios, essa defesa não é um fim em si mesma, mas parte do exercício da soberania de Deus sobre toda a esfera do conhecimento. Como argumentam Slater e Hall, a educação deve partir de princípios bíblicos que governam o raciocínio humano, permitindo que o cristão exerça seu autogoverno ao discernir a verdade em meio a cosmovisões conflitantes (Hall; Slater, 2011)

No tempo da elaboração deste trabalho, a Apologética Cristã está em constante evolução, nomes como William Lane Craig, Alister McGrath, Ravi Zacharias, J. P. Moreland, Norman Geisler e Millard Erickson têm publicado artigos e livros relevantes e que são citados nesta pesquisa abrindo portas para outras temáticas mais profundas também. É importante ressaltar que historicamente, mesmo a apologética não sendo vista como hoje, nomes como Abelardo, Santo Agostinho, Tomás de Aquino, B. B. Warfield e C. S. Lewis se posicionaram formulando ideias que expõem a verdade com convicção da mensagem central buscando manter a coerência e o respeito em relação à parte da sociedade que não professa a mesma fé. Outros estudiosos que devem ser considerados são Sam Harris, Richard Dawkins, Christopher Hitchens e Evaldo D’Assumpção, estes por sua vez, não professam as verdades do Cristianismo, e auxiliam na construção do debate.

A Apologética Cristã tem algumas peculiaridades, desde quando começou a ser entendida e sistematizada, que estão presentes ainda na atualidade. Isso faz com que haja a necessidade de um estudo mais profundo desde seu início, para que possa ser compreendida no contexto atual. Olhando por uma perspectiva bíblica, o termo “apologética” deriva do sentido grego de “apologia”. Termo este que se refere a uma defesa, que busca provar a inocência de um acusado em algum tribunal. Uma declaração bíblica que pode ser usada foi manuscrita por pelo autor de 1Pedro 3.15,16.

Antes, santifiquem a Cristo como Senhor em seu coração. Estejam sempre preparados para responder [oferecer uma *apologia*] a qualquer pessoa que lhes pedir a razão da esperança que há em vocês. Contudo, façam isso com mansidão e respeito, conservando boa consciência, de forma que os que falam maldosamente contra o bom procedimento de vocês, porque estão em Cristo, fiquem envergonhados de suas calúnias. (1 Pe. 3.15-16, NVI)

No contexto da época, a carta é endereçada a todos os cristãos da região do Império Romano, onde hoje é a Turquia. O autor tem a intenção de tranquilizar e confortar os que ali estão diante de ameaças de perseguição. Há uma intenção de interação com os críticos e com os questionadores, e assim, a possibilidade de exposição do conteúdo da fé, sempre com mansidão, temor, delicadeza e respeito. Na Idade Contemporânea, essas são virtudes que precisam ser analisadas e estar presentes nas ideias de quem se propõe a oferecer uma Apologética saudável. (Bruce, 2008, p. 1482)

FUNDAMENTOS DA APOLOGÉTICA CRISTÃ

Iniciando esta pesquisa o destaque feito é em relação ao que é, o que se pretende e como se desenvolveu a Apologética Cristã. Ao se fazer a Apologética Cristã, é necessário que o defensor tenha convicção dos seus argumentos. William Lane Craig (2011) diz algo interessante a respeito disso em uma de suas obras, “Em Guarda. Defenda a fé cristã com razão e precisão”.

Ironicamente, quem tem bons argumentos na sustentação da sua fé se torna menos inclinado a bate-bocas e a sair frustrado de uma discussão. Já percebi que quanto melhores forem meus argumentos, menos beligerante eu me torno. Quanto melhor for minha defesa, menos preciso ficar na defensiva. Se você tem boas razões para aquilo em que crê e sabe as respostas para as perguntas e objeções que alguém que não é cristão costuma fazer, não tem motivos para se exaltar. Pelo contrário, você perceberá que estará calmo e confiante, mesmo quando estiver sob ataque, pois sabe que tem as respostas. (Craig, 2011, p. 14)

Embora Craig defenda fortemente a necessidade de argumentos racionais para a sustentação da fé, Alvin Plantinga propõe um modelo diferente, conhecido como epistemologia reformada. Para ele, a crença em Deus pode ser considerada “basicamente correta” (*properly basic*) mesmo sem a necessidade de evidências filosóficas formais (Plantinga, 2000. p. 134). Isso tensiona o paradigma de Craig: se, por um lado, a racionalidade da fé fortalece o diálogo em contextos céticos, por outro, Plantinga sugere que a fé cristã possui uma justificação interna suficiente, dispensando o argumento racional como condição necessária. Essa distinção é fundamental para o debate contemporâneo, pois aponta para duas concepções de apologética: uma centrada no convencimento lógico e outra no reconhecimento da legitimidade epistêmica da fé em si mesma.

No contexto da Educação Cristã por Princípios, essa tensão entre Craig e Plantinga pode ser iluminada pelo Princípio da Individualidade. Cada mente humana, criada de forma única por Deus, processa a verdade através de diferentes vias, mas todas sob a autoridade da Palavra. A apologética, portanto, deve respeitar a individualidade do ouvinte, adaptando a defesa sem comprometer a unidade da verdade bíblica (AECEP, 2024).

Apologética é a defesa do Cristianismo em sua inteireza, sua essência, ou, de uma forma ou outra, é a defesa de seus elementos de pressuposições contra seus usurpadores, atuais ou possíveis, de forma a se defender de algum ataque em particular. Com essa consciência, é possível compreender a importância da apologética.

A apologética é importante para influenciar a cultura. Todo mundo já ouviu falar da batalha cultural que acontece na sociedade atual do ocidente. No ocidente há uma crença genérica em Deus como regra geral, mas crer em Jesus ainda é algo politicamente errado. Nomes como Sam Harris, Richard Dawkins e Christopher Hitchens são alguns dos agressivos estudiosos que não querem apenas eliminar a fé cristã, mas qualquer forma de religião. Entender a cultura para incluir a apologética é imprescindível pelo detalhe de que o evangelho nunca é ouvido em isolamento. Ele sempre é ouvido em contraste com o pano de fundo da cultura na qual se nasce e se é criado. O contexto ocidental ainda apresenta o secularismo, uma cosmovisão que não abre espaço para a crença no sobrenatural, nem em milagres, nem em revelação divina e nem em qualquer tipo de ser denominado Deus (Craig, 2011, p. 16).

A resistência cultural ao Evangelho remete ao Princípio da Soberania. A apologética atua como um instrumento para reafirmar que Cristo é o soberano sobre todas as esferas da cultura e da ciência. Ao confrontar o secularismo, o apologeta está, na verdade, exercendo a Mordomia intelectual, zelando pela "propriedade" da verdade que pertence a Deus e que foi confiada ao homem para ser cultivada e defendida (Hall; Slater, 2011).

A Apologética também é importante para fortalecer os que creem. Os benefícios na vida pessoal de um cristão são imensuráveis. Três destes benefícios são: saber por que se crê e assim obter mais confiança para o compartilhar da fé, há também a ajuda em manter a fé em tempos de dúvidas e tribulações e por fim, que a apologética torna o indivíduo mais profundo e interessante. Uma das falhas da cultura ocidental é que ela é incrivelmente superficial com sua fixação por celebridades, entretenimento, esportes e conforto pessoal. Ao estudar e buscar a profundidade na fonte da criação do universo, valores morais, problemas do mal e do sofrimento, o indivíduo é capaz de se sobressair por simplesmente ser mais profundo.

Esse aprofundamento é o cerne do Princípio do Autogoverno. Um cristão que domina as razões de sua fé não é levado por ventos de doutrina ou pressões sociais; ele governa seus próprios pensamentos sob a autoridade de Cristo. A apologética torna-se, assim, uma disciplina de formação do caráter, permitindo que o indivíduo floresça em sabedoria e responsabilidade (AECEP, 2024).

Uma ferramenta de evangelização a Apologética também é. Em si, ela é apenas uma ferramenta primária, pois a conversão de alguém é algo sobrenatural. Alister McGrath (2013) explica da seguinte forma a diferença entre as duas coisas:

A evangelização vai além dessa tentativa de demonstrar a razoabilidade da cultura da fé cristã. Enquanto a apologética limpa o terreno para fé em Cristo, a evangelização convida as pessoas a responder ao evangelho; enquanto a apologética tem como alvo assegurar o consentimento, a evangelização quer assegurar o compromisso. De grande influência e amplamente aceita, a definição de evangelização proposta por David Bosch expressa muito bem essa verdade: Evangelização é a proclamação da salvação em Cristo aos que não creem nele, chamando-os ao arrependimento e à conversão, anunciando-lhes o perdão dos pecados e convidando-os a se tornar membros vivos da comunidade terrena de Cristo para uma vida de serviço a outras pessoas no poder do Espírito Santo. (McGrath, 2013, p. 20)

Esta distinção reflete o Princípio de Semear e Colher. A apologética é o preparo do solo e o ato de semear as sementes da verdade racional, enquanto a evangelização busca a colheita do compromisso espiritual. Sem o preparo apologético (a semeadura intelectual), a colheita pode ser prejudicada pela dureza do solo cultural (Hall; Slater, 2011).

Segundo B. B. Warfield a subdivisão da apologética pode ser feita em cinco partes. A primeira, a qual pode talvez ser chamada apologética filosófica, toma sobre si o estabelecimento do ser de Deus, como um espírito pessoal, o criador, preservador e governador de todas as coisas. A ela pertence o grande problema do teísmo, envolvido em discussões sobre as teorias antiteístas. O segundo, o qual pode talvez ser chamado de apologética psicológica, que toma para si o estabelecimento da natureza religiosa do homem e a validade de seu senso religioso. Ele envolve a discussão parecida com a psicologia, filosofia e a pneumatologia da religião, e inclui então aquilo que é chamado de “religião comparativa” ou de “história das religiões.”

Ainda, outra característica destacada por Warfield é a responsabilidade de estabelecer a realidade do fator sobrenatural na história, com a determinação envolvida da real relação com a qual Deus se apresenta a Seu mundo, e o método de Seu governo sobre Suas criaturas racionais e especialmente o modo de se fazer conhecido a seu povo. Isso lança sobre o estabelecimento do fato da revelação com a condição de todo o conhecimento de Deus, quem como um Espírito Pessoal pode ser conhecido somente à medida que Ele se expressa a nós, para que a teologia difira de todas as outras ciências no fato de que seu objeto de estudo não está à disposição do sujeito, e sim o processo é inverso.

O quarto ponto, o qual pode ser chamado de apologética histórica, a qual toma para si o estabelecimento da origem divina do Cristianismo como a religião da revelação no significado especial dessa palavra. Ele discute todos os tópicos que naturalmente caem sobre os pontos de vista popular sobre “as evidências do Cristianismo”. O quinto ponto, que pode ser chamado de apologética bibliológica, está encarregado de estabelecer a veracidade das Escrituras Sagradas como

a documentação da revelação de Deus para a redenção dos pecadores. Ele está engajado especialmente com tópicos tais como a divina origem das Escrituras, os métodos da divina operação em sua organização, seu lugar na série de atos redentivos de Deus, e o processo da sua revelação, a natureza, modo e efeito da inspiração.

Em uma de suas obras, “Apologética Pura e Simples”, Alister McGrath (2013) chama a atenção para os temas mais importantes da apologética cristã; ele afirma que isso é fundamental, pois ainda é algo que diz a respeito da natureza da apologética, sendo a primeira destacada como a função de defesa; e, ele o faz da seguinte forma:

Nesta incumbência, o apologeta se dispõe a identificar os empecilhos à fé. Serão eles uma consequência de interpretações equivocadas ou de deturpações? Se assim for, é preciso corrigi-las. Serão decorrentes de uma dificuldade genuína acerca das afirmações do cristianismo a respeito da verdade? Se assim for, essa dificuldade precisa receber a devida atenção. É importante observar que a defesa é, via de regra, uma estratégia de reação. Alguém manifesta uma inquietação acerca da fé cristã; somos obrigados a considerá-la. Felizmente, há respostas excelentes à disposição. Cabe ao apologeta, portanto, conhecê-las e compreendê-las. Sempre que houver perguntas sinceras, é importante que sejam respondidas de maneira honesta e contundente, mas sem abrir mão da delicadeza. (McGrath, 2013, p. 15)

A segunda incumbência da apologética cristã é chamada de apreciação. A apologética cristã tem sua dimensão extremamente positiva, pois consiste em demonstrar quão grande é a beleza de Jesus Cristo de tal forma que os que não creem compreendam a razão por qual Cristo é levado a sério, mesmo que não compartilhem a mesma crença. McGrath define a apreciação na apologética de forma onde:

O apologeta possibilita que a verdade e a aplicabilidade do evangelho sejam apreciadas pelo público. Pode ser uma pessoa só ou um grupo grande. Seja como for, o apologeta empenhará para que o brilho e a beleza da plena fé cristã sejam compreendidos e apreciados. Não há necessidade de explicar a pertinência ou aplicabilidade do evangelho para esse público. A questão é saber como ajudar a pessoa a compreender de que forma ele lhe diz respeito, por exemplo, por meio de ilustrações, analogias ou histórias apropriadas e que lhes permitam entrar em contato com o evangelho. (McGrath, Alister, 2013, p. 17)

Por fim, a terceira incumbência da apologética cristã é atendida por tradução, pois nesta parte é onde o apologeta vai mostrar ideias fundamentais da fé cristã, como redenção e salvação, adaptados para as pessoas do local em que se está para a atualidade. McGrath levanta a seguinte reflexão e assim encerra uma breve definição dos três temas da apologética cristã:

O que está em questão é em que medida transmitimos com fidelidade e eficácia a fé cristã a uma cultura que talvez não vá compreender os termos e conceitos tradicionais do cristianismo. Temos de ser capazes de expor e explicar a profunda atração do evangelho cristão para a cultura de nosso tempo, usando para isso linguagem e imagens que lhes sejam acessíveis. Não é por acaso que Jesus utilizou parábolas para ensinar a respeito do reino de Deus. Ele usava linguagem e imagens conhecidas da cultura rural da Palestina de sua época para transmitir as verdades espirituais mais profundas (McGrath, 2013, p. 18).

HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO DA APOLOGÉTICA

Historicamente, Warfield traz um amplo acervo sobre como a apologética teve seu desenvolvimento, e devido a isso ainda é muito valorizada e extremamente utilizada na atualidade, pois alguns nomes de vários filósofos conhecidos e alguns da Patrística estão presentes. Sempre quando o ser humano tem pensado totalmente sobre Deus e a ordem sobrenatural, está presente em suas mentes uma variedade de inconstantes razões sólidas por crer em sua realidade. A história da apologética pode ser lida através do Princípio da Aliança (União). Ao longo dos séculos, Deus tem levantado defensores da fé para manter a aliança da verdade com o Seu povo. Cada apologista histórico contribuiu para a unidade do corpo de Cristo ao enfrentar as ameaças externas, demonstrando que a história é, em última análise, o relato da soberania de Deus agindo no tempo (AECEP, 2024).

colocação dessas razões em um corpo de provas e organizado sistematicamente esperou então uma cultura mais avançada. Entretanto, o acontecimento da apologética não esperou o advento do Cristianismo, nem existem traços desse pensamento compreensível somente nas regiões acesas por uma revelação especial. O sistema filosófico de antigamente, especialmente aqueles que derivam de Platão, estavam longe de estarem vazios de elementos apologéticos, e quando em seus estágios mais avançados de seu desenvolvimento, a filosofia clássica se torna peculiarmente religiosa, expressando material apologético.

Warfield apresenta que com a vinda do Cristianismo ao mundo, entretanto, à medida que os elementos da teologia foram se tornando mais ricos, então os esforços para substanciá-los se tornaram mais férteis nos elementos apologéticos. Não se deve confundir a apologética do início da era cristã com a apologética formal. Como os sermões daqueles dias, eles contribuíam para a apologética sem ser apologética. O material apologético desenvolvido por aquilo que nós podemos chamar de os mais filosóficos dos apologetas, nos quais estão Aristides, Atenágoras, Teófilo e Tertuliano, já foi considerável.

Dentro dos estudos de Warfield, nota-se que, em um primeiro instante o Cristianismo mergulhou em um ambiente politeísta e tomou para si o conflito com sistemas de pensamento firmados em filosofias panteístas ou dualistas, requereu-se o estabelecimento de seu ponto de vista monoteísta, e indo contra a amargura dos Judeus e as zombarias dos gentios, para evidenciar sua origem divina como ação da graça ao homem pecador. Junto com Tertuliano os grandes “alexandrinos”, Clemente e Orígenes, estão os depósitos mais ricos do pensamento apologético do primeiro século.

Os maiores dos apologetas da era patrística foram, entretanto, Eusébio de Cesárea e Agostinho. O primeiro foi o mais aprendido e o segundo o mais profundo dos defensores do Cristianismo entre os Pais da igreja. Em Agostinho, em particular, não meramente em seu livro “Cidade de Deus”, mas em seus escritos controversos, acumulando uma vasta massa de material apologético o qual está distante de ter perdido seu significado. William Lane Craig (2012) fez uma declaração interessante a respeito da importância da história para apologética e para o cristianismo em sua obra “Apologética Contemporânea”:

O cristianismo não é um conjunto de regras para a vida e nem uma filosofia da religião; antes, está arraigado em fatos históricos. Para alguns isso representa uma dificuldade, pois significa que a veracidade do cristianismo está de tal forma vinculada à veracidade de certos fatos históricos, que se estes forem provados falsos, o cristianismo sucumbiria com eles. Ao mesmo tempo, isso torna o cristianismo singular, porque, ao contrário das outras religiões mundiais, temos meios de verificar sua veracidade pelas evidências históricas (Craig, 2012, p. 201).

Warfield apresenta que o desenvolvimento da apologética continuou ao longo do desenvolvimento da teologia. Todas as atividades teológicas da Idade Média foram até então antecessoras da apologética, para que seu esforço primário fosse a justificação pela fé para a compreensão. Não era somente rica em apologetas (Abelardo, Raimundo, Martini), mas todo teólogo era de alguma forma um apologeta. Anselmo no seu início, Aquino em seu auge, são tipos de uma série completa, tipos nos quais todas as suas excelências são somadas. A Renascença com seu ressurgimento do paganismo, naturalmente destaca uma série de novos apologetas (Savarola, Marsílio, Ludovico), mas a Reforma forçou polêmicas nesse fundo e colocou a apologética longe de tudo, apesar, obviamente, dos grandes teólogos da reforma terem trazido ricas contribuições que se acumularam ao material apologético.

Quando, no fim do século dezessete, o ateísmo começou se espalhar entre as pessoas e o indiferentismo rasgando o naturalismo entre os líderes e pensadores, a correnteza do pensamento apologético mais uma vez começou a jorrar, tornando-se uma grande enchente à medida que a descrença prevalecente se intensificou e se espalhou. Junto com seu precursor em Filipe de Mornay, Hugo Grocio tornaram-se apologetas como os pioneiros dessa época da história, enquanto em sua porção média foi humilhada por pensadores como Pascal e a analogia apologética dessa época culminou com a “Grande Analogia” de Butler e a poderosa argumentação de Paley.

O Cristianismo também teve em seu desenvolvimento histórico embates com as chamadas heresias, que persistem até a atualidade, porém, a apologética cristã tem o papel de fazer defesa frente a isso. Alister McGrath define heresia como:

A característica essencial de uma heresia é que ela não significa incredulidade (rejeição das crenças centrais de uma visão de mundo como o cristianismo) no sentido estrito do termo, mas uma forma de fé que, no final das contas, é considerada subversiva ou destrutiva, e,

assim leva indiretamente ao estado de incredulidade. A incredulidade é o resultado, mas não a forma da heresia. (McGrath, 2014, p. 46)

As heresias se tornaram parte da história do cristianismo, e perduram até a atualidade. Entretanto, por ser nociva, é necessário que elas sejam compreendidas e esclarecidas à luz do contexto contemporâneo e cultural que o mundo do século XXI oferece.

DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS E ÉTICOS NA APOLOGÉTICA

Com essa história, a apologética se tornou algo fundamental e ainda valorizado atualmente. Hoje, com a variedade de crenças, grupos religiosos e cultura, o termo que atende por “Relativismo” se tornou mais consistente, não apenas para os estudiosos, mas também para os acadêmicos em processos de formação em diversas academias do mundo. Craig (2012) define e exemplifica o Relativismo de uma forma simples e concisa:

Relativismo é a visão de que algo é relativo e não absoluto. Ou seja, aquilo que está sendo questionado (a verdade de um valor moral, uma propriedade) só é o que é em relação à outra coisa. Por exemplo, ser rico é algo relativo. Em relação a muitos norte-americanos, você provavelmente não é rico. Mas em relação às pessoas do Sudão, você é extraordinariamente rico! Por outro lado, o fato de que o Brasil ganhou a Copa de 2002 não é apenas relativamente verdade. É absolutamente verdade que o Brasil ganhou a Copa. Muitas pessoas acreditam que princípios morais e crenças religiosas são, na melhor das hipóteses, verdades relativas: como elas costumam dizer, são verdades para você, mas não para mim (Craig, 2012, p. 21).

O relativismo moderno é um ataque direto ao Princípio da Soberania de Deus. Se não há uma verdade absoluta, não há um Soberano absoluto. A Educação por Princípios ensina que a verdade é uma pessoa, Cristo, e, portanto, absoluta e imutável. A apologética contemporânea deve, portanto, resgatar a noção de que a realidade é governada por leis divinas, e não por convenções humanas subjetivas (Hall; Slater, 2011).

Para uma boa apologética cristã, entender em que consiste o argumento da outra parte é fundamental e assim, “oferecer uma defesa” saudável e consistente. J. P. Moreland esclarece isso ao se aprofundar um pouco mais a entender o relativismo, iniciando com a questão moral:

A existência de morais absolutos – valores morais objetivos que são reais e verdadeiros para todos os homens, independentemente de uma pessoa ou cultura qualquer acreditar que sejam verdadeiros – aparece nas discussões sobre a existência de Deus em vários níveis. Eles figuram na refutação do fisicalismo como uma visão de mundo (uma vez que não são em si mesmos entidades físicas), são usados argumentos a favor de Deus como o fundamento da moralidade e são parte da discussão sobre o significado da vida. (Moreland, 2013, p. 306)

A negação de absolutos morais fere o Princípio do Caráter Cristão. Sem um padrão absoluto, o caráter torna-se maleável e desprovido de fundamento ético. A apologética, ao defender a moralidade objetiva, está protegendo a base necessária para o desenvolvimento de um caráter que reflita a imagem de Deus (AECEP, 2024).

Quando o indivíduo faz a recusa da existência de absolutos morais, ele está optando por alguma forma de relativismo moral. A cultura não pode ser deixada de lado, por isso Moreland (2013) explica ainda a respeito do Relativismo cultural.

O relativismo cultural é uma tese factual, descritiva, muitas vezes levantada por antropólogos e sociólogos, de que aquilo que diferentes sociedades fazem, de fato possui diferentes pontos de vistas sobre julgamentos éticos básicos. Um desacordo ético básico é aquele que permanece quando todos os pontos factuais são consentidos, e duas culturas querem dizer a mesma coisa, com o mesmo conceito ético, mas discordam quanto ao fato de atos realizados com base naquele conceito estarem certos ou errados. (Moreland, 2013, p. 307)

Segundo Moreland (2013), há também o relativismo normativo, que é quando as mesmas sociedades querem dizer as mesmas coisas, porém de formas totalmente diferentes em suas intenções:

O relativismo normativo é uma tese moral considerável, segundo a qual cada um deve agir de acordo com o código de sua própria sociedade. O que é certo para uma sociedade não é necessariamente certo para outra sociedade, e um ato é correto se e somente estiver de acordo com o código da sociedade do agente. Segundo o relativismo normativo, a sociedade A pode ter em seu código o princípio de que “O adultério é moralmente correto” e a sociedade B pode ter em seu código o princípio de que o “adultério é moralmente errado”. No caso, A e B querem dizer a mesma coisa por “adultério”, “certo”, “errado” e, portanto, essas sociedades verdadeiramente divergem sobre a justiça desse princípio moral (Moreland, 2013, p. 309).

Por fim, a última distinção feita por Moreland é a respeito do relativismo conceitual ou metaético:

Esse modelo metaético é uma tese ainda mais radical do que o relativismo normativo. De acordo com o relativismo normativo, as culturas A e B entendem a mesma coisa pelos termos morais como “certo” e “errado”. Mas A e B podem ao menos comparar os princípios morais e divergirem quanto aos seus julgamentos sobre eles (Moreland, 2013, p. 311).

Um dos críticos mais atentos ao impacto do relativismo na cultura contemporânea é Timothy Keller, que em suas obras destaca que o relativismo não apenas fragiliza a moralidade, mas também mina o próprio conceito de verdade, tornando qualquer afirmação religiosa subjetiva e descartável (Keller, 2015. p. 87). Keller argumenta que esse cenário exige uma apologética não apenas racional, mas também existencial, que mostre a plausibilidade da fé cristã diante das dores, esperanças e anseios humanos.

De modo semelhante, John Lennox enfatiza que o relativismo moral aliado ao naturalismo científico reduz a vida a meros processos biológicos, eliminando a dignidade e a transcendência humanas (Lennox, 2016, p. 45). Assim, a apologética contemporânea precisa responder ao relativismo não apenas com argumentos filosóficos, mas com uma demonstração prática de que o cristianismo oferece um fundamento sólido para sentido, moralidade e valor da vida.

Entender um pouco mais como o relativismo funciona, torna a apologética uma ferramenta ainda mais eficaz em debates que farão questionamentos envolvendo a existência de Deus, o início

do universo, o sofrimento atual, a morte e ressurreição de Jesus, o sentido da vida e muitas outras inquietações que acompanham a humanidade ao longo dos séculos.

A apologética é algo prático, e algo prático envolve pessoas. Conceitos morais, fatos e desenvolvimentos históricos, definições religiosas, construções de ideias, contextos sociais e correntes filosóficas, tudo isso envolve algo que impossibilita a apologética cristã de se desvincular da Ética. Norman Geisler faz distinção dizendo que “Enquanto a ética considera o que é moralmente certo ou errado, a ética cristã considera o que é moralmente certo ou errado para os cristãos”.

Geisler ainda apresenta parâmetros e características do que é a Ética Cristã. A primeira dela se baseia na vontade de Deus:

A ética cristã tem a forma de um mandamento divino. Um dever ético é algo que nós temos de fazer; é uma prescrição divina. É claro que os imperativos éticos que Deus dá estão alinhados com seu caráter moral imutável. Em outras palavras, Deus deseja que se faça o que é certo em concordância com seus próprios atributos morais (Geisler, 2010, P. 15).

Ele também caracteriza a ética cristã como absoluta:

A partir do fato de que o caráter moral de Deus não muda, chega-se à conclusão de que as obrigações morais derivadas de sua natureza são absolutas. Isso significa que são obrigatórias a todas as pessoas e em todos os lugares. De fato nem tudo o que Deus deseja flui, necessariamente, de sua natureza imutável (Geisler, 2010, p. 16).

O uso de textos bíblicos como de Romanos 1.19-20, Rm. 2.12-15, Rm. 2.18 e Rm. 3.2, segundo Geisler (2010), baseiam a ética cristã na revelação de Deus, tanto especial como geral. Assim ele conclui que mesmo que as criaturas não conheçam Deus de forma cognitiva, eles demonstram características através de suas inclinações.

Ainda nesta parte de caracterização e bases, Geisler (2010, p. 17) diz que a ética cristã é prescritiva, pois “Uma vez que o direito moral é prescrito por um Deus moral, ele é prescritivo.” Por fim, Geisler (2010, p. 18) identifica a ética cristã como deontológica e explica: “Sistemas éticos podem ser divididos em duas grandes categorias: a deontológica que é centrada no dever e a teleológica que é centrada nos meios e fins.”

A ética deontológica de Geisler ressoa com o Princípio do Autogoverno. O dever cristão não é uma imposição externa arbitrária, mas o reconhecimento interno de que fomos criados para viver sob o governo de Deus. O autogoverno é a aplicação prática da ética cristã: a capacidade de escolher o que é certo porque reconhecemos a autoridade soberana do Criador sobre nossas vidas (Hall; Slater, 2011).

Com a apologética cristã conceituada e definida, com os objetivos compreendidos e amparados pela história, compreendendo a racionalidade, o relativismo e os valores morais que a cercam, o apologeta pode então, com mais propriedade, finalmente exercer essa ferramenta da Defesa da Fé.

Alister McGrath diz que barreiras para fé sempre vão surgir, assim como existirá a possibilidade de criar-se aberturas para ela:

A apologética eficaz no nível pessoal reside na capacidade de se relacionar com os problemas enfrentados pelos outros enquanto contemplam o cristianismo. Ajuda muito se o apologeta tiver passado por um período de dificuldades com questões similares antes de ter-se tornado cristão. Ele não terá apenas refletido sobre suas próprias questões, mas também será capaz de entender o estado mental das pessoas nessa posição de indecisão (McGrath, 2008, p. 328).

O problema do mal que acarreta o sofrimento humano e as dúvidas intelectuais, geralmente são experiências que precedem a adesão dos humanos à fé Cristã. Oferecer uma defesa da fé cristã diante de situações como essas que lidam com as razões e emoções que são intrínsecas ao indivíduo, é um desafio na era presente. Esta é apenas uma apresentação simples, mas que abre um leque enorme para que se possa pesquisar e aprofundar a respeito da temática, e estes são dois assuntos concernentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalmente, ao findar-se a pesquisa, ao menos por enquanto, de modo que se faz extremamente necessário um aprofundamento sobre outros campos no qual a Apologética pode ser ainda mais eficaz e genuína. Entender o contexto histórico pela qual surgiu e o desenvolvimento de conceitos prestigia muito a importância desse nicho de estudo na atualidade. Linhas de pensamento gnósticas, agnósticas e céticas permanecem até a era presente. Sendo assim, pode-se concluir que muitas outras correntes irão surgir, talvez não com o objetivo principal de extinguir a fé cristã, mas que com toda certeza buscarão ferir princípios éticos, morais e sociais da cristandade, e, a fé cristã tem sua racionalidade e correlaciona-se com outras ciências para ter ainda mais respaldo quando expõe suas ideias e pensamentos.

À luz da Educação Cristã por Princípios, o futuro da apologética reside na aplicação consistente dos 7 princípios governamentais em todas as áreas do saber. A defesa da fé não é apenas um exercício intelectual, mas um ato de Mordomia da verdade e de Autogoverno diante dos desafios culturais. Como propuseram Slater e Hall, o raciocínio bíblico é a chave para que a próxima geração possa não apenas defender a fé, mas transformar a cultura através de um Caráter Cristão sólido e do reconhecimento da Soberania divina (AECEP, 2024).

Como breves apontamentos finais, é de valor observar que, enquanto Warfield propõe cinco áreas de apologética, Craig reduz a defesa à racionalidade da fé em bases filosóficas mais acessíveis. Já McGrath prefere um modelo mais pastoral e cultural. Isso revela diferentes enfoques da disciplina, um mais acadêmico, outro mais evangelístico. Nesta mesma avaliação, McGrath defende a apologética como apreciação da fé, críticos pós-modernos apontam que essa abordagem

pode falhar em culturas relativistas, onde a verdade é percebida apenas de forma subjetiva. Isso abre espaço para trazer o pensamento de outros apologetas recentes como Alvin Plantinga, Timothy Keller e John Lennox.

O surgimento das chamadas seitas e heresias que ainda existem, entretanto, não com tanta força como planejado, afinal, Cristo tem sustentado o Cristianismo e esse tem sido mantido. A Igreja é um forte pilar para manutenção de uma boa Apologética, mas, ela precisa se despertar para isso. Não são apenas um ou outro que tem a incumbência de zelar pela fé, e sim todos, tanto pessoalmente como coletivamente. A defesa da fé cristã não se restringe somente a católicos ou evangélicos, mas sim a todos que prezam por estes princípios, pois historicamente os relatos e escritos que se têm são de pessoas de ambas as posições.

REFERÊNCIAS

- AECEP. **Os sete princípios:** estabelecendo o raciocinar por princípios. Associação de Escolas Cristãs de Educação por Princípios, 2024. Disponível em: <https://aecep.org.br/os-sete-principios-estabelecendo-o-raciocinar-por-principios/>. Acesso em: 29 jan. 2026.
- BRUCE, F. F. **Comentário bíblico NVI:** Antigo e Novo Testamento. São Paulo: Vida, 2008.
- CRAIG, William Lane. **Apologética para questões difíceis da vida.** São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CRAIG, William Lane. **Em guarda:** defenda a fé cristã com razão e precisão. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- CRAIG, William Lane. **Apologética cristã:** a veracidade da fé cristã. São Paulo: Vida Nova, 2012.
- GEISLER, Norman L. **Ética cristã:** opções e questões contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- HALL, Verna M.; SLATER, Rosalie J. **A educação cristã por princípios.** Tradução de AECEP. São Paulo: AECEP, 2011.
- KELLER, Timothy. **A fé na era do ceticismo:** como a razão explica Deus. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- LENNOX, John. **Contra a corrente:** o chamado cristão para um contra-ataque criativo. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- MCGRATH, Alister. **Apologética cristã no século XXI.** São Paulo: Vida Nova, 2008.
- MCGRATH, Alister. **Apologética pura e simples: como levar os que buscam e os que duvidam a encontrar a fé.** São Paulo: Vida Nova, 2013.
- MCGRATH, Alister. **Heresia:** em defesa da fé. São Paulo: Hagnos, 2014.
- MORELAND, J. P. **Racionalidade da fé cristã:** argumentos para sua defesa. São Paulo: Hagnos, 2013.
- PLANTINGA, Alvin. **Warranted Christian belief.** New York: Oxford University Press, 2000.
- WARFIELD, B. B. **Apologetics. Reformed.org, [s. d.].** Disponível em: <https://reformed.org/apologetics/apologetics-by-b-b-warfield/>. Acesso em: 20 ago. 2025.